

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MAGDALENA PARISIEN

**A ESTÉTICA COMO ELEMENTO DE
NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE IMIGRANTE**
O olhar de uma mulher Domínico-Haitiana na cidade de
Chapecó - SC

CHAPECÓ
2026

MAGDALENA PARISIEN

**A ESTÉTICA COMO ELEMENTO DE
NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE IMIGRANTE**
O olhar de uma mulher Domínico-Haitiana na cidade de
Chapecó - SC

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marilda Merência Rodrigues.

CHAPECÓ
2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Parisien, Magdalena

A ESTÉTICA COMO ELEMENTO DE NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE
IMIGRANTE: O olhar de uma mulher Dominico-Haitiana na
cidade de Chapecó - SC / Magdalena Parisien. -- 2026.
45 f.

Orientadora: Doutorado Marilda Merência Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2026.

1. mulheres imigrantes; imigração haitiana; imigração
e estética; identidade.. I. Rodrigues, Marilda Merência,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

MAGDALENA PARISIEN

**A ESTÉTICA COMO ELEMENTO DE
NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE IMIGRANTE**
O olhar de uma mulher Domínico-Haitiana na cidade de
Chapecó – SC

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal da Fronteira Sul, como requisito para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 07/07/2026.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marilda Merência Rodrigues (Orientadora e presidente da banca)

Prof. Dr. Everton Bandeira Martins (Membro da banca)

Profa. Me. Liliane Edira Ferreira Carvalho (Membro da banca)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de sabedoria, força e esperança, por me conceder saúde, coragem e perseverança ao longo desta caminhada acadêmica. Sua presença constante foi fundamental para que eu superasse os desafios e alcançasse mais esta importante etapa da minha vida.

À Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), expresso minha profunda gratidão pela oportunidade de formação acadêmica e pessoal. Estendo meus agradecimentos às autoridades da instituição, em especial ao Reitor, pelo compromisso com a excelência do ensino superior, pela promoção do conhecimento e pelo constante apoio ao desenvolvimento dos estudantes.

À minha orientadora, Dra. Profa. Marilda Merência Rodrigues, manifesto meu sincero reconhecimento pela dedicação, competência, paciência e valiosas contribuições ao longo da elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. Seus ensinamentos, orientações e incentivo foram essenciais para a concretização deste estudo.

À Profa. Katia Aparecida Seganfredo, coordenadora do curso, agradeço pelo apoio, atenção e comprometimento durante minha trajetória acadêmica, contribuindo significativamente para minha formação e crescimento profissional.

À minha família, meu mais profundo e especial agradecimento. À minha mãe, Wista, e ao meu pai, Mario, pelo amor incondicional, pelos ensinamentos, pelos sacrifícios realizados e pelo incentivo constante para que eu nunca desistisse dos meus sonhos. Aos meus irmãos, Manuela e Marvin, pelo carinho, companheirismo e apoio nos momentos mais difíceis e também nas conquistas.

Ao meu namorado, Kessi Law, agradeço pelo amor, compreensão, incentivo e apoio emocional durante todo este percurso. Sua presença, paciência e confiança foram fundamentais para que eu mantivesse a motivação e a determinação necessárias para concluir esta etapa.

À minha querida amiga, Marcilene Barreto Trurriyo, minha gratidão pela amizade sincera, pelo apoio constante, pelas palavras de encorajamento e por compartilhar comigo momentos importantes desta jornada acadêmica.

Por fim, agradeço a todos os professores, colegas, amigos e demais pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e para a minha formação acadêmica e pessoal.

A todos, meu mais sincero agradecimento. Muito obrigada.

A ESTÉTICA COMO ELEMENTO DE NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE IMIGRANTE

O olhar de uma mulher Domínico-Haitiana na cidade de Chapecó-SC

Magdalena Parisien*

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida ao final do Curso de Licenciatura em Pedagogia. A investigação parte da experiência pessoal da autora como mulher domínico-haitiana que reside na cidade de Chapecó, buscando compreender como a estética interfere nos processos de pertencimento, reconhecimento e adaptação da imigrante em um novo território, isto é, aborda a estética como elemento de negociação da identidade imigrante. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, fundamentada em autores da micro-história e da sociologia do cotidiano. Assim, analisa aspectos da trajetória da autora por meio de seus registros fotográficos pessoais, articulando-os aos conceitos de cotidiano, identidade e estética. Conclui-se que a estética não se reduz à aparência ou à vaidade, mas sim, constituiu-se como um elemento de linguagem social, por meio do qual as mulheres imigrantes enfrentam situações que as obrigam a negociar suas presenças, julgamentos e a recriar formas de pertencimento nos meios sociais, onde o visual se torna o currículo pessoal de referência.

Palavras-chave: mulheres imigrantes; imigração haitiana; imigração e estética; identidade.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de una investigación realizada al finalizar la Licenciatura en Pedagogía. La investigación surge de la experiencia personal de la autora como mujer dominicana-haitiana residente en la ciudad de Chapecó, con el objetivo de comprender cómo la estética interfiere en los procesos de pertenencia, reconocimiento y adaptación de las inmigrantes en un nuevo territorio; es decir, aborda la estética como un elemento en la negociación de la identidad inmigrante. La metodología adoptada es cualitativa, basada en autores de microhistoria y sociología de la vida cotidiana. Así, analiza aspectos de la trayectoria de la autora a través de sus registros fotográficos personales, articulándolos con los conceptos de vida cotidiana, identidad y estética. Concluye que la estética no se reduce a apariencia o vanidad, sino que constituye un elemento del lenguaje social, mediante el cual las mujeres inmigrantes enfrentan situaciones que las obligan a negociar su presencia, los juicios y a recrear formas de pertenencia en entornos sociales, donde lo visual se convierte en el currículo personal de referencia.

Palabras clave: mujeres inmigrantes; inmigración haitiana; inmigración y estética; identidad.

Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. E-mail para contato: magdalena.parisien@estudante.uffs.edu.br .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Entre Pares	30
Figura 2 - De afro para alisada.....	31
Figura 3 - Planejando viajar para o Brasil	31
Figura 4 - Primeiros meses no Brasil.....	32
Figura 5 - Primeira marca emocional negativa.....	33
Figura 6 - Estilo urbano/swag.....	33
Figura 7 - Início das dúvidas	34
Figura 8 - Primeira tentativa de mudança visual	35
Figura 9 - Combinações que não deram certo	36
Figura 10 - Segunda tentativa de mudança visual	37
Figura 11 - Mudança de visual consolidada	38
Figura 12 - Fotos de mim atualmente	39
Figura 13 - Minha identidade	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
3 UMA TRAJETÓRIA SINGULAR EM UM FENÔMENO COLETIVO - o cotidiano como lócus.....	20
3.1 ESTÉTICA, IDENTIDADE E COTIDIANO: ELEMENTOS PARA COMPREENDER A EXPERIÊNCIA IMIGRANTE.....	25
4 DO DIÁRIO AO TCC.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Embora a estética esteja presente na vida de todas as pessoas, ela não é apreendida de forma consciente ou imediata. Entre os jovens e adolescentes essa percepção se desvela mais facilmente em contextos de interações sociais e culturais, seja na forma de reivindicação de uma individualidade ou na manifestação de grupos identitários por meio de símbolos, signos e artefatos da moda. Contudo, a estética vai muito além da expressão da moda ou de grupos específicos.

Filosoficamente ela se situa no horizonte dos sentidos humanos, nos processos de individuação e socialização dos indivíduos. Por meio da estética podemos manifestar a maneira como percebemos e interpretamos o mundo, nas escolhas que expressam nossa identidade e nos vínculos que estabelecemos com o ambiente e com os outros, vindo a refletir modos de ser, estar e sentir-se no mundo. Nesse sentido, a estética não é apenas aparência, mas também uma dimensão da experiência humana que articula sensibilidade, cultura e valores, influenciando na construção do eu e da sua autoestima. Pode-se dizer que a estética é uma força poderosa que existe em cada indivíduo e que é mediada pelas relações sociais, em diferentes tempos e espaços.

De acordo com James Shelley (2022, p. 48), o conceito de estética foi introduzido no léxico filosófico no século XVIII, ligado a “um tipo de objeto, um tipo de juízo, um tipo de atitude, um tipo de experiência e um tipo de valor”. Nessa perspectiva, Aranha e Martins (1986, p. 378), tomando como referência o *Dictionnaire de la philosophie* (Paris, Larousse), situam a estética no campo filosófico como o “ramo da filosofia que estuda racionalmente o belo e o sentimento que suscita nos homens”. Para além do método racional dessa disciplina, Nunes (1996) sublinha que a matéria-prima da estética não está vinculada ao campo da racionalidade, mas ao das emoções e dos sentidos. Essa especificidade pode ser vista na própria origem da palavra grega *aisthesis*, que significa “[...] o que é sensível ou o que se relaciona com a sensibilidade” (Nunes, 1996, p. 7).

Essa sensibilidade pode ser percebida independentemente da origem dos sujeitos, na maneira como expressam sua identidade por meio da aparência, especialmente através do cabelo, da maquiagem e do vestuário. Esses elementos não se reduzem a aspectos superficiais, pois refletem dimensões sociais, culturais e psicológicas que atravessam a experiência dos indivíduos. Nesse sentido, o visual constitui uma forma de comunicação não verbal, por meio da qual os sujeitos expressam pertencimentos, valores, referências culturais e modos de ser no mundo. Em diferentes contextos sociais, o corpo e a imagem se tornam não apenas meios de

expressão individual, mas também instrumentos de inserção e adaptação social, fenômeno que pode ser percebido também em contextos de migração nos quais as normas estéticas interferem diretamente na construção ou na redefinição de identidades em outros tempos, espaços e cultura diversos dos de sua origem.

Nessa compreensão a estética ultrapassa o âmbito da aparência e se converte em um elemento estruturante das relações sociais que acaba por regular comportamentos, escolhas e formas de pertencimento, muitas vezes por meio da adequação a determinados padrões legitimados pela mídia e reforçados por grupos sociais, o que pode gerar tanto reconhecimento, autovalidação e aceitação, quanto insegurança, exclusão e estigmatização. Assim, a estética não deve ser compreendida apenas como gosto ou preferência individual, mas como um campo de disputas simbólicas que molda subjetividades e influencia profundamente a experiência coletiva.

Partindo dessa reflexão de estética e dos modos como ela perpassa a vida social, o presente estudo aborda a estética a partir de um ângulo específico, da experiência de uma mulher imigrante Domínico-Haitiana, tomando como base empírica elementos do seu cotidiano, compreendidos a partir de referenciais da micro-história e da sociologia do cotidiano, em aspectos que dialogam e transitam entre a vida pública e privada, em aspectos de estratégias e resistências, inseridos no contexto da terceira onda de imigração haitiana para o Brasil, especificamente na cidade de Chapecó, Santa Catarina.

Para isso, tomamos como inspiração teórica e metodológica autores que estudam a micro-história, método de escrita da história que possibilita não apenas uma abordagem em escala reduzida, mas também permeada por inventividade e uma dimensão experimental (Revel, 2000). Tais características, a nosso ver, auxiliam no modo de captura do objeto de estudo aqui apresentado, permitindo por meio de um recorte micro, uma certa inventividade para compreender como uma mulher imigrante se “movimenta” nesse novo espaço territorial, as estratégias e formas de resistência no âmbito da sua estética.

Desse modo, a presente pesquisa busca compreender como a estética, especialmente no âmbito que se refere ao visual moda, ao cabelo e à forma de se vestir atuam como mediadores das relações sociais e identitárias da mulher imigrante haitiana no contexto brasileiro, sobretudo no município de Chapecó, estado de Santa Catarina. Visa apontar algumas luzes sobre os processos de negociação da estética da mulher imigrante em um novo espaço territorial, tomando como fontes de análises aspectos da trajetória da autora, mediada por seus registros pessoais, escritos e fotográficos, que captam momentos em espaços públicos e privados, agora analisados sob a égide da pesquisadora, que intenta analisar como a

estética se constitui como elemento de negociação da identidade do imigrante, problematizando, ao final, se esta entra em conflito com os novos padrões estéticos encontrados ou ainda, se é possível identificar formas de resistência da estética da mulher imigrante no cotidiano.

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho sistematiza uma revisão de literatura sobre o tema, com base em produções acadêmicas nacionais, incluindo artigos, teses e dissertações que abordam temas relacionados à imigração haitiana, identidade, pertencimento e experiências de mulheres haitianas no Brasil. Esse levantamento permitiu identificar contribuições de outros autores, bem como, evidenciar as lacunas que justificam a presente investigação. Na sequência, apresenta os conceitos centrais do trabalho, embasados em referenciais teórico-metodológicos que sustentam a pesquisa, como os autores Michel de Certeau, Giovanni Levi e Henri Lefebvre, cujas contribuições possibilitam estabelecer relações entre identidade, cotidiano, moda e processos de negociação cultural. Por fim, situamos a migração haitiana no Brasil, com destaque para o estado de Santa Catarina e o município de Chapecó e aspectos da trajetória migratória da autora, situando o contexto social, cultural e histórico que envolve a pesquisa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Visando conhecer as produções acadêmicas sobre o tema em estudo, foi realizada uma revisão de literatura utilizando como descritores de pesquisa os termos imigração haitiana e imigrantes haitianos, entrecruzando com os termos mulheres, estética e identidade, dos quais foram selecionados um conjunto de 13 trabalhos que dialogam mais diretamente com os objetivos propostos nessa pesquisa. Para a busca sistemática, foram consultadas as plataformas SciELO, EducaFCC, da Fundação Carlos Chagas e o Portal de Teses e Dissertações da CAPES considerando como recortes temporais o ano 2010, ano que marca a primeira onda migratória de haitianos para o Brasil até o ano de 2025. Os parâmetros utilizados para refinamento foram: grande área de conhecimento Ciências Humanas e a intersecção com a abordagem sobre mulheres, identidade e estética. No Portal da CAPES foram encontradas 53 produções. Destas, 24 tratavam sobre as mulheres imigrantes haitianas.

O levantamento evidenciou uma lacuna no campo investigado, uma vez que não foram identificados trabalhos que abordassem diretamente a relação entre estética e imigração. A leitura dessas produções evidencia que o debate tem privilegiado questões relacionadas à migração, identidade, inserção social, educação, gênero, preconceito, aculturação e políticas públicas. Entretanto, observa-se a inexistência de pesquisas que tomem a estética como elemento central na negociação da identidade de mulheres haitianas, especialmente no contexto do oeste de Santa Catarina.

Apresentamos a seguir, um quadro de síntese das produções selecionadas na revisão de literatura, as quais apresentam diálogos entre a imigração haitiana, identidade, mulheres e estética:

Quadro 1- Revisão de Literatura

AUTOR/AUTORA	TÍTULO	NATUREZA DO TRABALHO/ANO
Micheline Ramos de Oliveira; João Sardá Junior; Vanessa Brenerk Marinho Benfica; Andréia Naiana dos Santos Silva Royer	<i>Ressignificação da identidade no processo de imigração haitiana: uma pesquisa numa cidade do Sul do Brasil</i>	Artigo/ 2015
Roziane da Silva Jordão	<i>A mulher haitiana em Porto Velho, Rondônia: imigração e gênero</i>	Dissertação/2017
Suélen Cristina de Miranda	<i>A imigração haitiana para o Brasil: um olhar a partir do sintagma identidade-metamorfose-emancipação</i>	Dissertação/2017
Tarcis Prado Junior; Moises Cardoso; Franco Iacomini Júnior	<i>Experiência estética no debate do filme Lakay numa universidade brasileira</i>	Artigo/2018
Elisângela de Lima Eurico de Paula	<i>Memória e identidades haitianas em discursos de mulheres reterritorializadas</i>	Dissertação/2018

	<i>em Porto Velho/RO</i>	
João Luis Almeida Weber; Alice Einloft Brunnet; Nathália dos Santos Lobo; Ezequiel Simonetti Cargnelutti; Adolfo Pizzinato	<i>Imigração Haitiana no Rio Grande do Sul: Aspectos Psicossociais, Aculturação, Preconceito e Qualidade de Vida</i>	Artigo/2019
Maressa de Sousa Santos	<i>Nas trilhas da imigração: as mulheres haitianas em Contagem/MG</i>	Dissertação/2019
Káren C. F. Guedes Albino	<i>O Lugar da Mulher Haitiana na Imigração para a Região Metropolitana de Belo Horizonte</i>	Dissertação/2019
Alice Queiroz Telmo Romano e Adolfo Pizzinato	<i>Trajetória de migração de mulheres haitianas em Porto Alegre: um estudo qualitativo</i>	Artigo/2021
Danielle Galdino Solouki	<i>Imigração feminina no Brasil: um estudo interseccional sobre as trajetórias, redes sociais e trabalho das haitianas residentes no Distrito Federal</i>	Tese/2021
Silmara Aparecida do Nascimento	<i>Mulher, negra e imigrante: um estudo sobre relações raciais no Brasil e as experiências migratórias de mulheres haitianas em Maringá/PR</i>	Tese/2021
Natália Fioravanso Vieira Brizola	<i>A reconstrução identitária e de pertencimento nos processos migratórios: haitianos em escola pública do município de Marau/RS</i>	Dissertação/2021
Camila Rocha	<i>Identidades em trânsito: migrações de mulheres sob a perspectiva de gênero, raça e classe</i>	Dissertação/ 2023

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Dentre os estudos selecionados na revisão, o conceito de identidade é o mais recorrente. No estudo de Oliveira et. al. (2015), esse é entendido como algo construído na relação com o outro. Ou seja, a pessoa se reconhece, mas também depende do reconhecimento social. Quando o imigrante chega a outro país, ele precisa lidar com novos olhares, novas exigências e novas formas de pertencimento. Por isso, os autores afirmam que a ressignificação envolve “sentir-se pertencente”, “sentir-se adequado” e construir um novo sentido para a vida no novo lugar. Nesse sentido, um ponto muito importante abordado diz respeito ao trabalho exercido pelos imigrantes, informações trazidas por meio de entrevistas. Muitos entrevistados tinham profissões mais valorizadas em seu país de origem, como professor, técnico, comerciante, marceneiro ou carpinteiro. No Brasil, passaram a trabalhar como repositor de supermercado, frentista ou coletor de lixo. Isso mostra uma ruptura na identidade profissional, porque o sujeito que antes tinha determinada posição social passa a ocupar funções consideradas de menor prestígio.

De acordo com Oliveira et al. (2015), os entrevistados relatam que a rotina no Brasil é marcada por jornadas extensas de trabalho, muitas vezes em mais de um emprego. Como consequência, o tempo para descanso, lazer e convivência social torna-se extremamente reduzido. Quando questionados sobre atividades de lazer, praticamente não conseguem mencionar práticas recreativas ou momentos de diversão, limitando-se a permanecer em casa, assistir televisão ou conversar com familiares e amigos à distância. Como se pode perceber na fala de um entrevistado:

No, eu no faz nada só fica em casa, olhar televisão... Assistio televisão, se eu tem algum amigo vou na casa dele para conversar um pouco com ele. Se tem tempo que no escucha mia mãe liga a mia mãe por telefone e fico em casa, no faz mais nada (S3) (Oliveira et al., 2015, p. 10).

Essa fala evidencia que o cotidiano dos imigrantes é fortemente condicionado pelas exigências do trabalho e pela necessidade de garantir a sobrevivência econômica. O lazer deixa de ocupar um espaço significativo na vida dessas pessoas, sendo substituído por atividades ligadas ao descanso mínimo necessário para continuar trabalhando. A situação torna-se ainda mais evidente quando um entrevistado relata possuir dois empregos e dormir apenas algumas horas por dia: “Eu dorme quatro horas só... Depois tenho aquele outro compromisso.” (S1) (Oliveira et al. 2015, p. 9)

A partir dessas falas, percebe-se que a busca por uma vida melhor no Brasil não significa necessariamente alcançar bem-estar imediato. Ao contrário, muitos haitianos enfrentam uma rotina exaustiva, marcada por trabalho intenso, pouca convivência social e escassos momentos de descanso. Oliveira et al. (2015) mostram que a ressignificação da identidade haitiana no Brasil acontece por meio do trabalho, da adaptação cultural, da aprendizagem da língua, da religião, da busca por documentos, da saudade da família e da tentativa de conquistar uma vida melhor. O imigrante não abandona totalmente sua identidade anterior.

O estudo de Roziane Jordão (2017) aborda especificamente a mulher, contribuindo significativamente para compreender a experiência migratória de mulheres haitianas no Brasil a partir de uma perspectiva interseccional, evidenciando que os processos de exclusão social não se explicam por um único marcador, mas pela combinação entre gênero, raça e condição migrante. A autora aponta que a discriminação vivida por essas mulheres não ocorre apenas por serem mulheres, negras ou imigrantes isoladamente, mas por se tratar da junção desses determinantes sociais, o que produz formas específicas e intensificadas de vulnerabilização.

Na perspectiva de compreensão das experiências migratórias, o trabalho de Miranda (2017) permite compreender a imigração haitiana para o Brasil não apenas como

deslocamento territorial, mas como um processo de reorganização identitária marcado por tensões e contradições. A autora articula a imigração ao sintagma “identidade–metamorfose–emancipação”, enfatizando que a identidade do sujeito migrante não deve ser entendida como algo fixo, mas como um movimento contínuo de transformação. Nessa perspectiva, a migração produz metamorfoses profundas no modo como o indivíduo se percebe, se posiciona socialmente e projeta seu futuro, evidenciando que a experiência migratória envolve, simultaneamente, rupturas, reconstruções e disputas simbólicas.

A partir do referencial de Ciampa (2005), Miranda (2017) reforça que identidade não se resume a “quem eu sou”, mas ao processo de “quem eu estou sendo”, isto é, uma construção permanente atravessada por mudanças sociais e subjetivas. Entretanto, a autora alerta que nem toda metamorfose conduz à emancipação. Em muitos casos, o migrante pode vivenciar uma metamorfose que resulta apenas na adaptação às condições impostas, reproduzindo papéis e posições subalternizadas. Nesse sentido, a autora afirma que “a metamorfose vivida no processo migratório não implica, necessariamente, emancipação, podendo resultar apenas na adaptação do sujeito a condições de vida marcadas pela exclusão e pela subalternização” (Miranda, 2017, p. 104). Essa análise é central para esta pesquisa, pois permite compreender que mudanças estéticas e comportamentais podem representar tanto uma estratégia de sobrevivência social quanto uma forma de apagamento identitário diante de padrões culturais dominantes.

Outro ponto relevante do estudo está na discussão sobre reconhecimento e comunicação, quando a autora mobiliza Habermas para evidenciar que a identidade se constrói nas relações comunicativas. Quando o sujeito não consegue se expressar plenamente, seja por barreiras linguísticas ou por mecanismos sociais de silenciamento, ocorre um bloqueio de reconhecimento, produzindo invisibilidade e exclusão. Conforme nos adverte Carvalho (2026, p.1) “nesse sentido, a moda como linguagem, constituída por signos e significados construídos cultural e socialmente permite novas configurações de comunicação”. Miranda (2017) demonstra ainda, que o migrante haitiano pode vivenciar uma condição de não pertencimento que não se limita ao espaço econômico, mas se manifesta também na esfera simbólica e cultural. Além disso, a autora destaca que, quando o sujeito apenas se ajusta às condições impostas sem desenvolver reflexão crítica sobre sua realidade, ocorre a reprodução da mesmice, bloqueando processos emancipatórios. Tal reflexão contribui para o entendimento de que o reconhecimento social não depende apenas da inserção formal, mas também da possibilidade de ser visto, ouvido e legitimado como sujeito.

Apesar das limitações e contradições que atravessam a experiência migratória, Miranda (2017) reconhece a existência de “fragmentos emancipatórios” nas trajetórias dos migrantes, expressos em resistências simbólicas e na construção de novos projetos de vida, ainda que parciais. Conforme a autora, “embora limitados, é possível identificar fragmentos emancipatórios nas trajetórias dos migrantes, expressos na capacidade de reflexão, resistência simbólica e construção de novos projetos de vida” (Miranda, 2017, p. 110). Dessa forma, a imigração pode abrir brechas para novas possibilidades identitárias, resultando em identidades híbridas, nas quais o sujeito não deixa de ser haitiano, mas tampouco se torna plenamente brasileiro. Tal hibridismo pode produzir sofrimento, mas também pode se constituir como potência, especialmente quando o migrante consegue ressignificar sua trajetória e afirmar elementos culturais de origem.

Essa temática também está presente no artigo de Prado Junior et. al. (2018), no qual apresentam um abordagem sobre territorialidade e imigrantes, no qual os alunos dialogam sobre a presença haitiana no Brasil por meio do documentário “Lakay” (2016), que retrata a vida de imigrantes no Vale do Itajaí. O filme aborda temas como identidade, adaptação cultural, dificuldades com o idioma, preconceito, xenofobia e expectativas sobre trabalho no Brasil. A interação entre alunos, cineasta, filme e o estudante haitiano foi atravessada pelos imaginários sociais sobre imigrantes. Essa vivência desestabilizou imaginários prévios muitas vezes marcados pelo estereótipo de pobreza, sofrimento e vulnerabilidade mostrando uma experiência de vida mais complexa: seja no domínio de vários idiomas, na experiência como empresário, envolvimento em organizações humanitárias e rede familiar profissionalizada.

Esse aspecto também pode ser visualizado no estudo da autora Elisângela de Paula (2018), no qual o pertencimento está relacionado ao enraizamento e à ligação afetiva com o local, entendido como um processo em que o “indivíduo constrói e é construído, planeja e se sente parte de um projeto, modifica e é por ele modificado (Silva apud Paula, 2018, p. 44).

No entanto, o estudo evidencia que esse pertencimento não apaga a ligação com o Haiti, pois muitas haitianas mantêm a memória coletiva como forma de resistência à saudade e ao desenraizamento. Segundo a autora, práticas como reuniões comunitárias, alimentação típica, canto e dança mantêm viva a conexão com o país de origem, preservando elementos identitários fundamentais (Paula, 2018). Assim, a memória aparece como instrumento de sustentação da identidade, o que se fortalece também ao considerar que eventos traumáticos e históricos podem ser transmitidos entre gerações, com alto grau de identificação. Por fim, o referido estudo demonstra que a reterritorialização é um processo contínuo e híbrido, no qual as mulheres haitianas constroem vida no Brasil sem romper completamente com o Haiti,

mantendo laços afetivos, culturais e sociais com o território de origem. Essa construção identitária híbrida evidencia que a migração produz transformações internas contraditórias, nas quais adaptação e preservação coexistem. Para esta pesquisa, esse aporte é essencial, pois permite compreender que a estética pode operar como um dos principais meios dessa negociação identitária, funcionando tanto como mecanismo de adaptação ao novo território quanto como forma de resistência cultural e manutenção simbólica da identidade haitiana.

Outro aspecto muito forte no artigo citado, é a relação entre migração e responsabilidade familiar, que, mesmo morando no Brasil, muitas mulheres continuam sustentando familiares que permaneceram no Haiti devido a isto se pode dizer que a migração não é vista apenas como um projeto individual, mas como um projeto familiar.

No trabalho de Weber et al. (2019) tem-se a abordagem sobre a identificação étnico-nacional da pessoa imigrante por meio de cinco orientações aculturativas: integração, separação, assimilação, individualismo e anomia. No âmbito da integração, destaca-se que aparece com mais força entre os homens, entre quem fala português, entre quem possui vínculos com brasileiros, entre quem acessou a assistência social e entre os que estão há mais tempo no Brasil, isso demonstra que a integração depende de condições concretas, como idioma, tempo de permanência, redes sociais e acesso a políticas públicas. Sobre o aspecto separação, isto é, quando o imigrante preserva fortemente a sua cultura de origem, sem se integrar ou assimilar a cultura local, essa característica apareceu em sua pesquisa mais associada às mulheres. Os autores Weber et al. (2019) relacionam esse resultado às desigualdades de gênero na cultura haitiana, em que os homens costumam ocupar mais a vida social, enquanto as mulheres ficam mais ligadas ao cuidado doméstico e familiar.

Nessa direção, Santos (2019) escreve que devemos compreender a resiliência não como uma característica individual isolada ou uma simples capacidade de “aguentar” dificuldades, mas como um processo dinâmico de adaptação e atravessamento das mudanças impostas pela vida social. Na interpretação da autora, ser resiliente não significa permanecer intacto ou retornar a um estado anterior, mas seguir adiante mesmo transformado pelas experiências vividas. Trata-se de uma postura fluida diante do inesperado, que não nega o impacto das pressões, dos obstáculos e das rupturas, mas aprende a conviver com eles e a responder criativamente às provocações do contexto.

Além disso, a própria experiência da autora como migrante nordestina em Minas Gerais aprofunda essa reflexão, pois ajuda ao revelar que migrar envolve processos de desaprendizagem, perda de referências, silenciamento de marcas culturais como o sotaque e as expressões linguísticas e a construção de uma identidade atravessada pelo estranhamento.

O sentimento de nostalgia descrito não se refere apenas à saudade do lugar de origem, mas ao luto pelas possibilidades de vida que ficaram pelo caminho. Essa vivência contribui para a construção de um olhar empático em relação às mulheres haitianas, ainda que a autora reconheça as diferenças históricas, culturais e geopolíticas que as separam.

No estudo de Albino (2019), destaca-se que a imigração haitiana não pode ser analisada só em números. A autora busca entender como as relações de gênero (homens × mulheres) se transformam quando essas pessoas migram para Belo Horizonte, chamando atenção para o fato de os homens haitianos se inserem mais facilmente no mercado de trabalho e as mulheres ficam mais invisibilizadas, dependentes e vulneráveis. Contudo, ainda que vivenciem tais situações, vale destacar uma citação relevante que revela um aspecto fundamental, o de que, “ainda que de forma marginal, essas imigrantes têm conseguido resistir e, entre si, se consolidar como grupo identitário” (Albino, 2019, p. 178).

Esse aspecto também estão presentes no artigo de Pizzinato et. al. (2021), onde os autores mostram que para muitas entrevistadas, migrar não aparece apenas como uma necessidade econômica, mas como algo profundamente ligado ao que significa ser haitiana. Segundo as análises dos relatos das mulheres, os autores observam que a experiência migratória está tão presente na história do Haiti que acaba se tornando parte da identidade cultural dos haitianos. A entrevistada Eva, por exemplo, afirma Pizzinato et. al. (2021, p. 7): "Porque todo mundo está viajando [...] e haitiano gosta de viajar". Para os autores, essa fala não deve ser entendida apenas literalmente. Ela revela que a mobilidade faz parte da história social haitiana e que a condição de migrante acaba sendo incorporada à identidade dos sujeitos.

Solouki (2021) em sua Dissertação também aborda esse assunto voltado ao trabalho. Mas, cabe ressaltar que um dos choques culturais vivenciados pelas haitianas foi em relação ao mercado de trabalho, especialmente quanto ao acesso e ao salário. A frustração delas era a dificuldade de conciliar a própria manutenção com o envio de remessas para a família, diante do baixo poder de compra do salário brasileiro e a desvalorização do real em relação ao dólar. Podemos entender por meio do estudo da autora, que o trabalho estético das haitianas é racializado¹, é feminizado, é desvalorizado socialmente, ou seja, mesmo sendo um espaço de autonomia, ele não rompe com as estruturas de exploração.

No estudo de Nascimento (2021) é possível também identificarmos o debate sobre o racismo com relação às mulheres pretas e imigrantes, reconhecendo que a discriminação e o

¹ Trabalho estético aqui referido como fazer tranças ou outras estéticas capilares.

racismo têm cor e se refletem na economia e no posicionamento na base da pirâmide social, e, entre os imigrantes isso fica ainda mais evidenciado. Nesse sentido, alude às novas Dandaras, em referência a uma das principais lideranças femininas do Quilombo dos Palmares. Assim, alargando a conotação, podemos pensar nas mulheres haitianas como as Dandaras contemporâneas, sustentando famílias, resistindo ao racismo e criando caminhos de sobrevivência em contextos hostis.

Enfim, trata-se também de pertencimentos e, pode-se dizer que um fio condutor dos escritos da autora Brizola (2021) é sobre os filhos dos imigrantes haitianos (segunda geração) e como eles constroem identidade e pertencimento na escola, se fala desde a primeira ajuda humanitária - MINUSTAH até as chegadas ao Brasil por diversos motivos. Aborda em seu estudo, a inserção da criança imigrante na escola, isto é, na condição de estudante nesse mosaico cultural, rejeitando a ideia de assimilação forçada (“o imigrante precisa virar brasileiro”) e defendendo a convivência plural. Dessa forma, a estética é compreendida como dimensão constitutiva da cultura e da identidade, manifestando-se nos gestos, nas práticas sociais, no corpo e nas expressões simbólicas, sendo a escola um espaço privilegiado para o reconhecimento, a valorização e a ressignificação dessas estéticas no convívio multicultural.

Por fim, Rocha (2023) traz a ideia de que as mulheres haitianas enfrentam múltiplas opressões, porém, apesar das dificuldades, essas mulheres resistem, constroem autonomia e mantêm suas identidades. Contudo, enfatiza que o corpo da mulher haitiana, negro, migrante e feminino torna-se um território onde se inscrevem o racismo, a xenofobia e a desigualdade de classe, ao mesmo tempo em que se afirma como espaço de resistência e identidade, o que reafirma “a importância da aparência, pela moda ou estética, como forma de comunicação social e cultural” (Ferreira, 2026, p. 1). Evidencia, nesse sentido, que o processo de adaptação cultural das mulheres haitianas ocorre de maneira cotidiana e desigual, especialmente por meio da língua, do trabalho e da adequação aos papéis sociais impostos. Essa moldagem não se dá por escolha, mas como resposta às pressões do racismo, da xenofobia e das relações de poder que atravessam gênero, raça, classe e nacionalidade, produzindo uma vivência marcada pela negociação constante entre aceitação social e preservação da identidade (Rocha, 2023).

Depreende-se dessas contribuições trazidas pelos autores anteriormente referidos, que a identidade do imigrante é também construída na relação do e com o outro, e nas formas de pertencimento. Nesse caso, nos processos de pertencimentos, o imigrante se depara com a ruptura da identidade profissional, jornadas extensas de trabalho e escasso tempo de lazer e ainda, mudanças climáticas bruscas.

Em se tratando especificamente das mulheres imigrantes haitianas, destaca-se que a exclusão social não se dá apenas por um marcador, se dá pela combinação entre gênero, raça e condição imigrante. Além disso, o deslocamento territorial também realiza um processo de organização identitária que não é homogêneo. Tal identidade, é construída no processo diário e cotidiano e nas relações subjetivas, bem como, nas memórias, as quais aparecem como um elemento de sustentação de identidade na qual a estética pode operar como um mecanismo de adaptação, resistência e símbolos de identidade. E nesse sentido, o corpo se inscreve como um lugar de xenofobia, racismo e desigualdade e, o processo de adaptação acontece de maneira diferente para cada um.

Na sequência, abordaremos aspectos mais específicos da trajetória da pesquisadora, visando identificar aspectos da sua trajetória singular nesse fenômeno coletivo que são os processos migratórios.

3 UMA TRAJETÓRIA SINGULAR EM UM FENÔMENO COLETIVO - o cotidiano como lócus

Considerando muitos aspectos abordados pelos autores referidos na revisão, tais como os processos de exclusão social vividos por imigrantes e seus marcadores combinados entre gênero, raça e sua condição migrante, os processos de reorganização identitárias articulados à tríade “identidade–metamorfose–emancipação”, mudanças subjetivas, condições de não pertencimento, separações conjugais, familiares e de seus contextos culturais, além de rotinas exaustivas de trabalho do imigrante, é importante olhar mais atentamente para o conceito de cotidiano.

Com auxílio do historiador Levi (2000) podemos compreender algumas dimensões da vida cotidiana que incluem “problemas, incertezas, escolhas” e também, uma política, baseada na “utilização estratégica das normas sociais” (Levi, 2000, p. 45). Assim, quando pensamos a separação entre os imigrantes, o fenômeno aparece mais associado às mulheres; essa separação pode revelar não apenas uma ruptura afetiva, mas também uma reorganização das redes de cuidado, proteção e pertencimento. Isso se torna ainda mais significativo em contextos marcados por desigualdades de gênero, nos quais as mulheres são socialmente vinculadas ao espaço doméstico e familiar.

A partir de Levi (2000), pode-se compreender esse fenômeno como a utilização estratégica das normas sociais. Essa utilização estratégica aparece principalmente quando as normas sociais não são totalmente fixas ou claras. Em suas palavras, os “intervalos entre sistemas normativos estáveis ou em formação”(Levi, 2000, p. 44), nos quais grupos e pessoas atuam com “uma própria estratégia significativa” (idem, p. 44). Isso quer dizer que, quando as regras estão em disputa, em mudança ou são ambíguas, os sujeitos encontram brechas para agir. No entanto, conforme nos lembra o historiador, essa estratégia não elimina a dominação, mas pode interferir nela. Afirma que essas ações talvez não sejam suficientes para impedir as formas de dominação, mas conseguem “condicioná-las e modificá-las” . Então, usar estrategicamente as normas sociais é uma forma de agir dentro dos limites impostos, tentando alterar os efeitos desses limites.

É, portanto nas ações cotidianas e nos espaços públicos, que a autora, imigrante dominicano-haitiana², se insere em um novo país, na cidade de Chapecó, e que passa a conviver

² Filha de pais haitianos que residem em República Dominicana há mais de 20 anos, e que atualmente, se encontra morando no Brasil e conta com tripla cidadania: haitiana, dominicana e naturalizada brasileira.

com preocupações cotidianas de tentativas de igualar-se ao padrão visual local e, muitas vezes, na tentativa de suavizar o olhar alheio.

Faço referência aqui aos imigrantes do país caribenho República do Haiti que está situada na Ilha de São Domingos no território que divide com a República Dominicana. Sua capital é Porto Príncipe (Port-au-Prince), e tem como línguas oficiais o crioulo haitiano e o francês, Enquanto o crioulo é a língua falada por preferência entre os habitantes, o francês é usado frequentemente em situações formais e na escrita. O clima é tropical, típico do Caribe, conhecido por ser de temperatura quente o ano inteiro, com temperaturas médias entre 25°C e 30 °C e com duas estações bem marcadas de novembro a abril como estação seca, e a outra chuvosa que é de maio a outubro. Com isto se observa que no relevo montanhoso, isto é, entre as áreas mais altas, há um com clima mais fresco, enquanto nas regiões costeiras o calor é mais intenso.

No contexto cultural, Haiti tem uma forte herança africana devido às presenças africanas durante o tempo no qual o país era colônia francesa. No âmbito da religião, além do catolicismo e do protestantismo, o vodu haitiano, trazido dos povos escravistas, se baseia na adoração de espíritos chamados loa (Lwa) que intermeiam entre o deus supremo, distante e inacessível (Bondyé) e os seres humanos. No entanto, a cultura do Haiti é predominantemente conservadora, e certas práticas são mal interpretadas, um exemplo disso é o vodu, que grande parte da população pratica, porém não se declara como tal.

No vodu, os Lwa tem personalidade própria que fazem referência a símbolos, cores, música e até comida que gosta de receber em oferenda, na qual tudo tem um significado interligado com os loa e portanto, está diretamente relacionado com a cultura haitiana. Ainda que o indivíduo não seja um praticante de rituais, o vodu é parte da identidade cultural do imigrante, assim como muitos elementos da vestimenta, cores e símbolos não formam unicamente parte do espaço religioso, senão também do cotidiano, na moda, na arte e no folclore, o ato de só vestir já é parte da comunicação com o sagrado.

Assim, quando pensamos sobre a presença de mulheres haitianas em Chapecó–SC, no intenso processo migratório das últimas décadas, emergem também os questionamentos sobre os desafios enfrentados por esses sujeitos na busca de reconhecimento e pertencimento em um espaço cultural distinto daquele de origem, visto que, a estética, como dito anteriormente, não se reduz a uma questão de gosto ou estilo individual, mas se constitui como um marcador simbólico que pode gerar tanto inclusão e aceitação quanto exclusão e estigmatização, pois, as vestimentas corroboram para a construção de determinados papéis sociais.

Além do cultural, o percurso da imigração Haitiana até a região Oeste de Santa Catarina carrega fatos interessantes para ser conhecido. A parte de ser a primeira república negra independente do mundo e também em se tornar o primeiro país da América Latina a conquistar sua independência, Haiti também é atualmente um dos países mais pobres do mundo, e vários fatores contribuíram para ser o que conhecemos dele hoje, inclusive, no âmbito das suas relações internacionais e entre nações.

Na monografia apresentada por Damasio (2021) podemos compreender o percurso da relação entre o Brasil e o Haiti. Inicialmente, observamos que a relação entre estes países esteve presente desde 2004 quando o Brasil participava da MINUSTAH (Missão da ONU para estabilização do Haiti) que foi uma missão criada pela ONU após a queda do então presidente haitiano Jean-Bertrand Aristide, que deixou o país em meio às fortes tensões políticas e sociais. Os objetivos da missão eram contribuir para a paz no Haiti e fortalecer a política externa brasileira, mostrando capacidade de liderança internacional, permitindo ter um espaço para laços mais próximos entre os dois países. Além disso, com o terremoto de 12 de janeiro de 2010, houve destruição em massa, mortes e colapso social e econômico, que devastou o país e portanto, acelerou o processo migratório em massa de haitianos para outros países assim como também para Brasil. Após essa nova imigração, o Brasil criou a Política Nacional de Visto Humanitário para haitianos e que logo depois, esse modelo também se estenderia para outros grupos como sírios e venezuelanos demonstrando assim o reconhecimento dos direitos dos imigrantes no país e sua presença até a atualidade.

Com essa facilitação de imigrar para onde é bem-vindo, os haitianos começaram a vir para o Brasil. Essa vinda, é considerada em três etapas, segundo Bordignon e Piovizana (apud Damasio, 2021) na qual em primeiro lugar se deu a chegada dos haitianos ao Oeste catarinense em 2011, quando um grupo inicial de 24 imigrantes desembarcou em Chapecó motivado pelas agroindústrias e frigoríficos locais que buscavam trabalhadores homens geralmente entre 25 e 35 anos com escolaridade mínima do ensino fundamental³. A segunda etapa descrita pelas autoras, teve início com a vinda das mulheres haitianas, as quais eram em sua maioria esposas daqueles que já estavam empregados nas empresas da região. A terceira etapa foi marcada pela chegada dos filhos, resultado tanto da política de reunião familiar, quanto dos nascimentos em solo brasileiro. Esse processo consolidou a fixação da comunidade haitiana na região e marcou o início de uma nova geração de descendentes no país.

³ Apesar disso, também vieram profissionais com níveis de formação mais altos e inclusive universitários.

Assim, teve início também a construção de uma nova cultura e de novas expressões visuais no espaço brasileiro. De acordo com Galli (apud Damasio, 2021), utilizando dados do Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi possível comprovar a chegada de aproximadamente 80 mil imigrantes haitianos aos diversos estados do Brasil entre os anos de 2011 e 2016.

Chapecó, localizado no Oeste de Santa Catarina, é conhecida por ser uma cidade com forte crescimento econômico ligado ao agronegócio e à agroindústria, mas também por ser um polo de imigração atraído pela facilidade de obter trabalho e crescimento pessoal. Além dos haitianos, a cidade já havia recebido anteriormente fluxos de italianos, alemães e descendentes de outras nacionalidades europeias, na qual provocou e moldou seu imaginário cultural e estético da cidade na qual também essa herança permanece presente nas festas comunitárias e até no padrão de beleza valorizado socialmente, em que predominam referências eurocêntricas. É nesse contexto em que a presença da mulher imigrante haitiana, visualizada aqui por meio de aspectos da trajetória individual da autora, com traços físicos distintos dos regionais, com pele mais escura, cabelos crespos, estilos de roupas tropicais ou étnicas, sente a necessidade de negociar sua identidade estética para alinhar-se ao padrão dominante.

Desse modo, considerando a realidade cultural das imigrantes, e os novos padrões de beleza opostos à sua própria realidade, é possível reconhecer na chegada em um novo território, a negociação de aspectos que fazem parte de si mesmos na vida no seu país de origem. Considerando que cada cultura tem seu modo de se expressar artisticamente, na moda isso não é diferente, certos traços da cultura são mais marcantes que outros, e pode causar desconforto num novo ambiente, podendo gerar certas atitudes de rechaço, causando efeitos negativos em quem vivencia essa experiência. Tais experiências geram inquietude e impulsionam a compreender melhor os processos de negociação, resistência e/ou redefinição da nossa identidade de imigrante mediante novos padrões estéticos locais, isto é, como as escolhas estéticas realizadas no cotidiano podem revelar processos complexos de pertencimento, reconhecimento, adaptação cultural e preservação de elementos identitários, especialmente no contexto das mulheres haitianas imigrantes.

Estamos falando de representação nos espaços do cotidiano e encontrar esse reconhecimento do eu, isto é do ser, que pode ser manifesto em formas e estilos de se vestir, adornos, acessórios, figurinos e maneiras de estilizar o cabelo, visto que são dois fatores muito marcantes da cultura haitiana, que podem ser interpretados de maneira positiva ou negativa. De acordo com a compreensão de Certeau (1998), a negociação ocorre por meio das

práticas cotidianas dos sujeitos. As pessoas não recebem passivamente os produtos culturais, as normas ou os valores sociais; elas os reinterpretam, reaproveitam e transformam conforme suas necessidades e experiências. Ou seja acontece através das "maneiras de fazer", daquilo que lhes é oferecido pela sociedade. Ocorre nas atividades mais comuns da vida cotidiana nas formas de consumir, ler, falar, circular pela cidade etc.

No entanto, não se trata apenas de adaptação. Giard (1998) observa que Certeau identifica formas de resistência presentes nas práticas ordinárias. Mesmo diante de estruturas de poder consolidadas, os sujeitos desenvolvem táticas que lhes permitem introduzir desvios, deslocamentos e pequenas liberdades dentro da ordem imposta. Essas resistências nem sempre são visíveis ou confrontam diretamente o poder, mas produzem microdiferenças que impedem uma submissão total.

Para Luce Giard, ao apresentar o pensamento de Michel de Certeau, que destaca as microdiferenças surgem nos “minúsculos espaços de jogo” criados pelas táticas cotidianas dos sujeitos, permitindo que estes introduzam desvios discretos na ordem social estabelecida. Mesmo quando aparentam conformidade, os indivíduos podem atribuir novos significados às práticas impostas, fazendo-as funcionar em “outro registro” e segundo suas próprias referências culturais (Giard, 1998).

A autora vai nos guiando pelo pensamento de Certeau, indicando que no processo também acontece uma criação anônima na qual é produzida pelos usuários a partir dos bens culturais recebidos. As pessoas inventam novos usos, novos significados e novas formas de agir no interior dos sistemas já existentes. Dessa forma, o cotidiano aparece como um espaço de produção cultural e não apenas de reprodução. Isso é o que é chamado de reapropriação, o que não é uma aceitação totalmente passiva nem uma rejeição completa. Pode ser assim compreendido como uma negociação.

Nesse sentido, Certeau (1998) , especialmente em sua obra *A invenção do cotidiano, Artes de Fazer*, analisa a dinâmica do cotidiano, como espaço de construção e expressão de significados culturais e estéticos, nos mostrando como as formas pelas quais os indivíduos se apropriam e recriam práticas e espaços podem ser pensadas sob táticas e estratégias, as quais nos permitem interpretar formas de resistência no cotidiano.

Antes de Certeau, o historiador Lefebvre também já nos apresentava sobre a importância do cotidiano, em sua obra *A vida cotidiana no mundo moderno*. Nessa obra, o autor mostra que a vida cotidiana não é algo sem importância. Pelo contrário, é nela que aparecem as formas reais de existência das pessoas, seus hábitos, trabalhos, consumos, repetições, desejos, frustrações e possibilidades de criação. O ponto central é que o cotidiano

é contraditório. Ele tem miséria, porque envolve rotina, trabalho cansativo, humilhações, escassez, repressão dos desejos e repetição. Mas também tem grandeza, porque é nele que a vida continua, que as pessoas criam, amam, sofrem, se relacionam, produzem e reproduzem a sociedade. O cotidiano não é só “vida pequena”; ele é o lugar onde aparecem as contradições sociais.

Dessa forma, vale refletir junto ao historiador Lefebvre (1991, p. 82), para quem a cotidianidade deixa de ser apenas uma parte da vida para se transformar no próprio objeto de organização social. Tudo passa a ser planejado: trabalho, consumo, lazer, moradia, deslocamentos e até os desejos. As necessidades são previstas, administradas e dirigidas. Assim, a vida cotidiana perde espontaneidade e se torna programada. O problema não é apenas que existem regras ou instituições, mas que elas começam a penetrar em todos os aspectos da vida diária. Lefebvre afirma que “O cotidiano torna-se objeto de todos os cuidados: domínio da organização, espaço-tempo da auto-regulação voluntária e planificada” (Lefebvre, p. 82).

Com isto, está mostrando que o cotidiano passa a ser planejado. As pessoas acreditam que escolhem livremente, mas suas necessidades já foram previstas, organizadas e direcionadas. Acrescenta: "ao se delinear as necessidades, procura-se prevê-las; encurrala-se o desejo" (Lefebvre, p. 82). Essa frase é fundamental. O desejo deveria ser algo aberto, criativo e imprevisível. Porém, na sociedade moderna, ele é “encurralado”. Ou seja, as possibilidades de desejar são reduzidas a opções já oferecidas pelo mercado, pela publicidade, pela moda e pelas instituições. No que o desencanto surge exatamente quando a vida continua funcionando, mas perde profundidade. As pessoas trabalham, consomem, passeiam, viajam e se divertem, mas tudo isso acontece dentro de circuitos previamente organizados.

A sociedade promete satisfação através do consumo, mas produz simultaneamente insatisfação. Quanto mais as necessidades são satisfeitas, mais novas necessidades aparecem. O desencanto do cotidiano não é falta de objetos ou de conforto. É a sensação de que algo essencial desapareceu. Existe abundância de bens, mas escassez de sentido.

Outro aspecto importante é a perda da apropriação da própria vida. Onde Lefebvre (1991, p. 90) reconhece a existência de uma contradição entre domínio e apropriação, na qual “a sociedade domina cada vez mais a natureza, a técnica, a produção e a organização. Mas o ser humano não se apropria verdadeiramente de sua própria existência”.

3.1 ESTÉTICA, IDENTIDADE E COTIDIANO: ELEMENTOS PARA COMPREENDER A EXPERIÊNCIA IMIGRANTE

No escrito de Hall (2006) podemos entender várias questões sobre a identidade. Durante muito tempo se acreditou que as pessoas tinham uma identidade única, estável e central na qual esse “eu” dava segurança: a pessoa sabia quem era, qual era seu lugar no mundo e como deveria se comportar. No século XX, com muitas transformações sociais, as mudanças no trabalho, novos movimentos sociais, globalização, mídia, migrações, lutas de gênero e raça, foram quebrados esses referenciais fixos pelos quais o indivíduo deixa de ser visto como um sujeito unificado e passa a ser percebido fragmentado com várias identidades ao mesmo tempo. Entendendo assim nos diferentes contextos sociais, a mulher não é só estudante, mãe, namorada, esposa, carrega culturas, estilo, raça, uma estética. Há coexistências, e às vezes entram em conflito, pois as mudanças sociais repercutem nas identidades pessoais, podendo levar ao questionamento da noção de sujeito como algo integrado e coeso; quando a descentralização do sujeito não tem mais um centro fixo, mas é atravessado por diversas posições sociais e culturais, ou seja, uma crise de identidade, contudo, não significa que as pessoas perderam a identidade, mas que a identidade virou um processo, sempre em redefinição e negociação.

Segundo Mercer (apud Hall, 2006, p. 9) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Assim, é importante entender a existência entre o interior (os sentimentos, experiências pessoais) e exterior (as posições sociais e culturais que são oferecidas) como ponto de sutura da identidade.

Interessante refletir em como a estética, que está fortemente ancorada à moda, pode agir como um sistema de regulação e de pressões sociais. Segundo Lipovetsty (2009, p. 43) “suas mudanças apresentam um caráter constrangedor, são acompanhadas do ‘dever’ de adoção e de assimilação, impõem-se mais ou menos obrigatoriamente a um meio social determinado”(Lipovetsky, 2009, p.43). Embora este fenômeno de mecanismos de conformidade social tenham se mostrado eficazes, sobretudo nos períodos históricos referente pela honra e pela hierarquia, não explicam por si só o motivo do espalhamento epidêmico de moda. Mas, se poderia entender que tais fenômenos estão ligados ao desejo dos indivíduos de se aproximarem ou se assemelharem àqueles que ocupam posições socialmente superiores, ser como os outros. A lógica é usar o que está em tendência, peças essenciais, mas, ao mesmo tempo, favorecer o gosto individual desde enfeites, cores e adornos, mas, sem dúvida, o que

prevalece é a norma coletiva. Tal como no ambiente escolar, a moda funciona como um marcador simbólico de pertencimento onde as jovens tendem a comprar e usar as tendências, assim como tênis de determinada marca, cortes de cabelo ou estilos de mochila como forma de se integrar ao grupo. Contextos em que se vestir de acordo com o padrão dominante torna-se quase uma exigência para evitar a exclusão ou a ridicularização, assim, a moda entre os jovens escolares revela não apenas a busca pela diferenciação individual, mas também a necessidade de aceitação social e reconhecimento no coletivo.

Segundo Lipovetsky (2009), a moda moderna não deve ser compreendida apenas como um mecanismo de diferenciação social, mas também como um fenômeno relacionado à valorização da individualidade. Para o autor, à medida que as sociedades modernas enfraquecem determinadas hierarquias tradicionais, ampliam-se os espaços para a expressão pessoal, favorecendo a busca por novidades, variações e formas de distinção individual. Nesse contexto, a moda contribui para legitimar o desejo de construir uma identidade própria, estimulando práticas associadas à originalidade e à renovação constante dos estilos de vida.

Lipovetsky (2009) analisa como a moda deixou de ser ao longo da modernidade, exclusivamente um reflexo de classes sociais ou status econômico, tornando-se um instrumento de expressão individual e coletiva. Para o autor, a moda é efêmera, ou seja, ela sempre está em constante mudança e essa característica permite que os indivíduos adaptem sua aparência e estilo às expectativas sociais, ao mesmo tempo em que manifestam sua singularidade.

No contexto da sociedade moderna, a moda funciona como um sistema simbólico na qual vai mediando relações sociais e indicando pertencimento a grupos específicos. Através das roupas, acessórios e demais elementos estéticos, os indivíduos comunicam valores, preferências e até ideologias que estabelecem uma forma de diálogo silencioso com o mundo ao redor. Esse fenômeno se torna ainda mais relevante em contextos de migração nos quais as mulheres enfrentam o desafio de construir identidade em um ambiente de massa cultural totalmente diferente daquele de origem, com tudo isso a efemeridade e a constante renovação da moda permitem que a estética seja um instrumento dinâmico de negociação da identidade.

Segundo o autor Hall (2006), a identidade não é fixa nem estável, mas um processo em constante formação e negociação, o que nos faz compreender com Mercer (1990) que a chamada crise de identidade, torna-se especialmente visível quando o indivíduo se depara com padrões estéticos diferentes dos que fazem parte de sua cultura de origem e é nesse contexto que a estética, que muitas vezes é associada apenas à aparência, assume uma função de linguagem social e pela qual o corpo, o vestuário, o estilo do cabelo e até pequenos

adornos passam a comunicar quem é o sujeito, de onde ele vem e a qual grupo deseja pertencer.

Outro aspecto interessante a abordar desde o olhar do Lipovetsky (2009) é o papel da moda na cultura de massa, segundo o autor citado, a cultura de massa é ainda mais representativa do processo de moda do que a própria moda *fashion* pelo motivo que ela se organiza sob o princípio da novidade, da renovação acelerada e da busca pelo sucesso efêmero, ou seja, de curta duração considerando-se como o “êxito de massa” por manifesto de paixões temporárias, nesse sentido, essa paixão é geralmente inofensiva, sem provocar transgressões sociais, sendo prazerosa pela novidade reconhecível, e não por efeito. Além disso, não procura educar o sujeito. Posso me atrever a dizer que quem governa a moda é o habitante local e que pelo tanto o imigrante se torna um estrangeiro com pouco domínio que buscará se integrar por meio da interação com o social. Nesse sentido, vale a pena dialogar com o autor Jacques Rancière (2009), o qual no texto *A partilha do sensível*, compreende a moda como a estética da política. Ao discutir a estética, Rancière (2009) afirma que ela não deve ser compreendida apenas como uma teoria da arte ou da beleza, mas como um regime específico de identificação e pensamento que organiza formas de fazer, de ver e de compreender o mundo.

A partir dessa reflexão, é possível pensar que os sujeitos não utilizam a estética apenas para reproduzir padrões coletivos, mas também para expressar aspectos de sua identidade e de sua trajetória social. No caso das mulheres haitianas imigrantes, essa questão se torna particularmente relevante, pois as escolhas relacionadas ao vestuário, ao cabelo e à aparência podem envolver tanto processos de adaptação ao novo contexto cultural quanto formas de preservação de referências identitárias construídas em seu país de origem.

No entanto, durante minha vivência percebi que existe uma grande diferença entre originalidade e bom gosto para se vestir, para os demais, os sujeitos que validarão as vestimentas, por sua vez, marcadas de dogmas culturais e que eu, imigrante, não pertencente ao grupo social local, precisarei parar de usar determinado item porque será uma vinculação a identidade que eu não reconheço pertencer e que afetava meu objetivo pessoal. Por meio da análise pessoal e profissional entendi que era o reflexo de minha identidade cultural que entrava em atrito com a realidade local e me levou a necessidade de redefinir a minha imagem pessoal.

4 DO DIÁRIO AO TCC

Partindo dos registros escritos e fotográficos registrados no Diário de Memórias⁴, a partir desse momento serão apresentados aspectos sobre a minha estética, passando por diferentes etapas, capturadas de forma fragmentária.

Os registros referidos nesse capítulo foram extraídos de um Diário de Memórias construído desde a minha chegada ao Brasil. Ele contém fotografias de diversos momentos, que remetem a lembranças especiais, positivas e negativas. Além disso, traz momentos de reflexão sobre o meu cotidiano e registros de sentimentos de acordo com as vivências dos dias.

As fotografias aqui selecionadas remetem a momentos desde a vinda para o Brasil até o presente momento, em cujos recortes é possível visualizar aspectos relacionados a estética de uma mulher imigrante, de classe trabalhadora, que passa por diferentes momentos e que identifica nessas mudanças táticas de resistência do cotidiano.

Sabemos que se tratam de recortes em escala pequena, que falam de uma história pessoal, mas que refletem aspectos da vida coletiva e também processos comuns a mulheres imigrantes em novos territórios, ao mesmo tempo em que transitam entre dimensões da vida pública e da vida privada, e, inspirada na micro-história, permeados de inventividade e de uma dimensão experimental.

Desde criança, sempre usei tranças e também meu cabelo natural. No entanto, aos 15 anos de idade, optei por alisá-lo e, desde então, deixei de conhecer a real textura do meu cabelo. Ainda assim, eu usava meu cabelo de maneiras diversas. Naquela época, não me sentia diferente, pois não havia uma distância evidente entre mim e as demais pessoas ao meu redor. Hoje compreendo que isso acontecia porque eu estava dentro do meu próprio território cultural. Essa percepção pode ser visualizada nas imagens extraídas do meu Diário de memórias. Nas fotos abaixo, registro diferentes momentos, tempos e contextos.

Na figura 1 temos três registros que remetem diferentes fases da vida, com diferentes idades. Há em comum nessas imagens a localização territorial, a República Dominicana. Na foto situada à direita, tinha 12 anos, num momento de acampamento de verão da Escola de Educação Básica Salomé Ureña. Na foto do meio, eu tinha 16 anos. A imagem retrata um encontro de amigos da escola em uma atividade festiva de fim de semestre. Na foto à esquerda, eu tinha 19 anos, numa ocasião social, chegando no casamento da mãe da minha

⁴ O diário de memórias foi construído ao longo do percurso desta pesquisa, reunindo escritos e fotografias registradas desde a minha chegada ao Brasil.

melhor amiga, sendo recepcionada e acolhida. Nessas imagens, é possível perceber que me encontro numa transição capilar. Em uma imagem tem-se o visual com trança, passando para o início do processo de alisar o cabelo. Sentindo-me pertencente entre meus pares, onde não têm olhares de estranhamentos, nem julgamento.

Figura 1- Entre pares



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Nota: Rostos descaracterizados digitalmente pela autora para garantir o anonimato dos participantes, em conformidade com as diretrizes éticas da pesquisa.

Aos 18 anos, surgiu em mim o desejo de deixar meu cabelo 100% natural. Porém, eu ainda não tinha coragem suficiente para realizar essa mudança visual. Acreditei na imagem divulgada pela mídia sobre como seriam as mulheres brasileiras: corpos curvilíneos, maior presença de mulheres negras e um visual mais afrocentrado. A partir dessa ideia, decidi que faria a minha mudança visual quando estivesse no Brasil.

Na figura 2, as imagens da esquerda registram um momento ao lado de minha irmã, num dia de domingo. Não sei ao certo precisar a data dessa fotografia, mas, ela revela uma essência mais natural, no sentido de modo de ser, a gente sendo a gente, sem pensar em mais nada. À direita, a fotografia retrata o momento em que iniciei o processo de alisamento do meu cabelo, quando tinha aproximadamente 15 ou 16 anos, movida mais pela praticidade do que propriamente por um ideal estético.

Figura 2 – De afro para alisada



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Nota: Rostos descaracterizados digitalmente pela autora para garantir o anonimato dos participantes, em conformidade com as diretrizes éticas da pesquisa.

A seleção da fotografia apresentada na figura 3 revela um pouco da minha percepção sobre feminilidade, quando eu estava ainda na República Dominicana, providenciando os documentos para efetivar a minha viagem ao Brasil.

Figura 3 – Planejando viajar para o Brasil



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Confesso que quando cheguei ao Brasil, em 2019, deparei-me com uma realidade totalmente diferente daquela que imaginava. Chapecó era o contrário do que muitas vezes é apresentado pela televisão hispânica. Mesmo assim, naquele primeiro momento, isso ainda não me causava grandes inquietações. Essa inquietação surgiu apenas mais tarde.

As fotografias apresentadas abaixo, revelam aspectos dos meus primeiros dias no Brasil. São registros feitos pela minha irmã, Manuela, onde seguro uma flor, presenteada por ela, o que me impulsionou, em um dia de frio, a pegar um vestido primaveril para fazer um registro sensível e saudoso. Talvez do clima. Difícil precisar!

Na segunda foto, apareço num estilo relaxado, descontraído, indo para a minha aula de Português para estrangeiros, ofertado pela Paróquia. Nessa imagem vejo como naquele momento, essa composição me trazia conforto e leveza.

Figura 4- Primeiros meses no Brasil



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Contudo, desde os primeiros dias, percebia olhares muito evidentes. No início, pensava que esses olhares aconteciam porque eu não falava a língua portuguesa ou porque havia algo em nós que chamava atenção. Alguns brasileiros se aproximavam para conversar, perguntando de onde éramos, por que estávamos no Brasil e se estávamos gostando do país. Em algumas ocasiões, houve gestos de gentileza, como quando alguém se aproximou para dar um brinquedo ao meu irmão de quatro anos.

No entanto, também havia pessoas que se aproximavam de forma rude. Embora eu ainda não compreendesse fluentemente o português, a semelhança com o espanhol me permitia entender o sentido de muitas falas. Posso dizer que algumas situações tinham caráter discriminatório, embora, naquele momento, eu não as tenha levado para o lado pessoal. Em certas ocasiões, por exemplo, pessoas passavam entre mim e alguém com quem eu conversava, mesmo havendo muito espaço na rua. Outras se aproximavam apenas para fazer perguntas ofensivas, como: “O que você quer no meu Brasil?” ou “Seu país deve ser muito

ruim para você vir para o Brasil”. Essas falas me faziam entender que eu não era bem-vinda, mas, ainda assim, eu tentava não guardar aquilo no coração.

Figura 5 - Primeira marca emocional negativa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Nota: Rostos descaracterizados digitalmente pela autora para garantir o anonimato dos participantes, em conformidade com as diretrizes éticas da pesquisa.

Dois acontecimentos, em especial, marcaram o início de uma transformação em mim. O primeiro ocorreu quando um homem brasileiro, com quem eu conversava desde que cheguei ao Brasil, começou a questionar minha orientação sexual. Quando perguntei por que ele tinha essa dúvida, mesmo eu afirmando quem eu era, ele descreveu meu estilo. Disse que eu não parecia mulher porque usava blusas *oversize*, calça jeans e tênis, além de estar quase sempre com o cabelo preso em rabo de cavalo. Segundo ele, eu não era feminina como as demais meninas.

Figura 6 - Estilo urbano/swag



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Outra situação semelhante aconteceu quando minha própria professora de português também questionou minha orientação sexual e comentou sobre meu corpo. Novamente, o motivo da dúvida estava relacionado ao meu modo de vestir. Entre tantas ocasiões parecidas, ainda em 2019, comecei a me questionar sobre o motivo dessas interpretações. Surgiram muitas perguntas que me fizeram perceber que havia uma comunicação não verbal em jogo: muitas vezes, quem falava por mim era minha imagem pessoal, e não eu, Magdalena.

Figura 7 – Início das dúvidas



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Outro fato que gerou inquietação foi perceber que, sempre que eu chegava a determinados lugares, as pessoas olhavam e comentavam. Certa vez, uma menina se aproximou, tocou meu cabelo, tocou minha pele e foi embora. Fiquei indignada, mas também ri da situação. Quando perguntei a uma amiga brasileira sobre aquilo, ela me explicou que eu era diferente das pessoas de Chapecó e, por isso, despertava curiosidade. Ela me explicou aspectos históricos da formação brasileira e disse que eu não era feia, mas sim diferente, chamativa e difícil de ignorar.

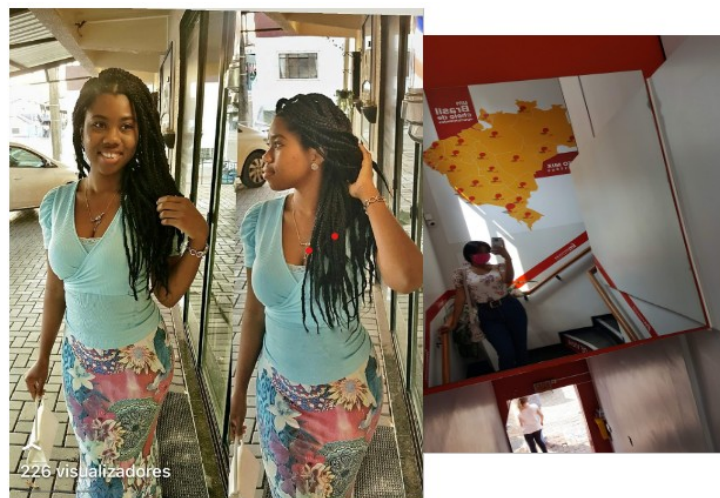
Outro acontecimento marcante ocorreu quando fui fazer a matrícula do meu irmão em uma escola municipal próxima à minha casa. Vesti-me como de costume e fui acompanhada de minha mãe, minha irmã e meu irmão menor. Ao chegar, cumprimentei os funcionários mas eles simplesmente nos olharam de forma desprezível. Fomos atendidos, mas, em síntese, disseram que não havia mais vaga para nós. No início, eu não quis aceitar o que havia acontecido, mas depois entendi. Doeu, mas entendi. Eu também não era a única vítima daquela escola.

Por meio desses acontecimentos, muitas coisas começaram a fazer sentido. Passei a compreender melhor os olhares, as falas, os murmúrios e os tratamentos negativos e positivos que recebia. Além dos casos de racismo e discriminação, compreendi que havia também questões ligadas à “superficialidade”: a aparência falava antes de mim, e a forma como eu era vista influenciava a forma como eu era tratada. Então, decidi usar isso ao meu favor.

Confesso que, em algumas ocasiões, eu gostaria de não ser vista nem observada, principalmente nos momentos em que me sentia insegura por não falar corretamente o português, por não estar visualmente como gostaria, por sentir que não me encaixava naquele lugar ou simplesmente por não querer ser olhada. No entanto, percebi que essa visibilidade parecia acontecer inevitavelmente por eu ser considerada chamativa, algo que não ocorria da mesma forma na minha cidade de origem. Então, comecei a olhar para o lado positivo dessa condição e a utilizá-la a meu favor.

Com a chegada da pandemia e a intensa exposição às redes sociais, comecei a compreender melhor o que significava ser vista como uma mulher feminina diante das pessoas. Entendi o poder da imagem, fiz cursos online e acompanhei conteúdos sobre imagem pessoal, comportamento e sobre como a aparência influencia a percepção social. Aos poucos, fui me inserindo nesse universo, até decidir me dedicar a uma mudança visual, fortalecendo meu amor-próprio e minha autoestima, sem deixar de lado quem eu sou. Se eu sou chamativa, então que me observem!

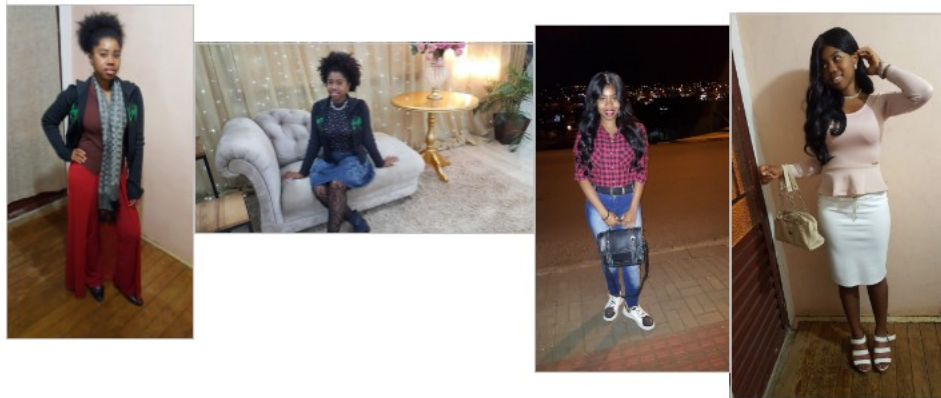
Figura 8 – Primeira tentativa de mudança visual



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Ainda assim, no início, as mudanças foram, um pouco, bruscas, pois eu ainda não conseguia me visualizar naquela nova imagem. Aos poucos, fui me modificando. Nesse primeiro momento, a mudança parecia estranha, como se eu fosse outra pessoa. Às vezes combinava comigo; outras vezes, não. Em algumas ocasiões, parecia que eu havia entrado no armário e escolhido peças aleatórias, sem parar para analisar se aquelas roupas realmente dialogavam com quem eu era e com a imagem que eu desejava construir.

Figura 9 – Combinações que não deram certo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

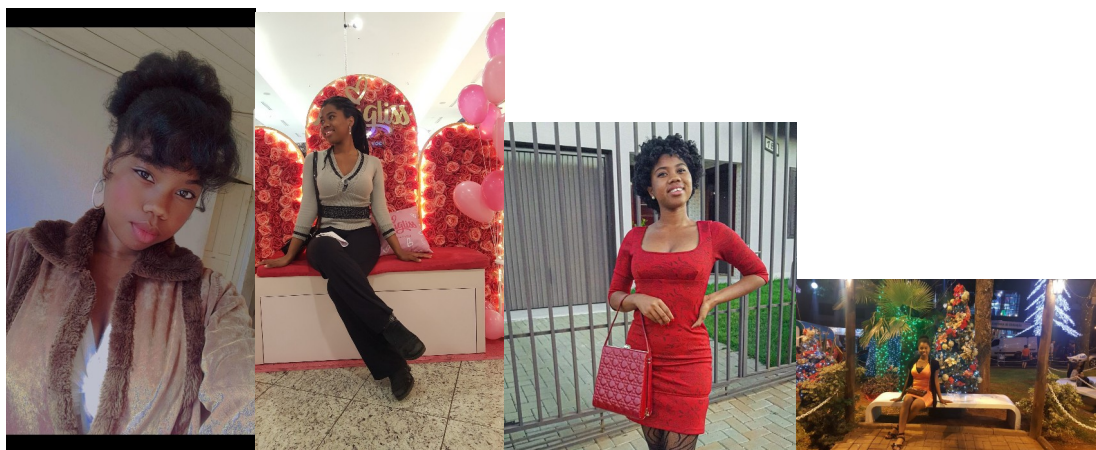
Ao olhar para essas experiências hoje, compreendo que minha mudança estética não foi apenas uma escolha individual ou uma questão de vaidade. Ela esteve diretamente ligada à forma como fui percebida, julgada e tratada no novo território. O cabelo, a roupa, o corpo e a aparência passaram a funcionar como uma espécie de linguagem silenciosa, por meio da qual os outros tentavam me definir antes mesmo que eu pudesse falar sobre mim. Nesse processo, percebi que ser olhada não significava necessariamente ser reconhecida. Muitas vezes, meu corpo era visto como diferente, curioso ou estranho, mas minha história, minha cultura e minha subjetividade permaneciam invisíveis. A imagem chamava atenção, porém nem sempre produzia acolhimento. Pelo contrário, em alguns momentos, ela servia como justificativa para questionamentos, discriminações e interpretações equivocadas sobre quem eu era.

Lembro-me de uma situação que ocorreu em um estabelecimento que eu frequentava há anos. A proprietária nunca havia demonstrado interesse em me conhecer ou estabelecer qualquer aproximação comigo. No entanto, em determinado dia decidi investir mais na minha imagem pessoal. Enquanto eu tirava uma foto naquele local, ela se aproximou e iniciou uma

conversa, perguntando quem eu era, onde eu trabalhava e se eu teria disponibilidade para ajudá-la em algumas atividades. O aspecto mais triste dessa situação foi perceber que o tratamento recebido parecia ser direcionado a alguém que estivesse frequentando aquele espaço pela primeira vez. No entanto, eu já estava ali há anos! Foi nesse momento que compreendi, de forma ainda mais evidente, como a aparência pode alterar a maneira como uma pessoa é percebida e tratada socialmente.

Foi a partir dessas vivências que comecei a compreender a estética como um elemento de negociação da identidade imigrante. No meu caso, mudar a forma de vestir, cuidar do cabelo, compreender a feminilidade local e reorganizar minha imagem pessoal não significou abandonar minha origem, mas aprender a circular em outro espaço social. Tratava-se de construir uma imagem que me permitisse ser vista de outra maneira, sem deixar de reconhecer minha história e minha diferença.

Figura 10- Segunda tentativa de mudança visual



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Com o passar dos anos, minha imagem pessoal foi sendo transformada e aprimorada a tal ponto que hoje posso afirmar que a Magdalena de anos atrás e a Magdalena atual são muito diferentes. Essa diferença não está apenas naquilo que transmito visualmente, mas também no empoderamento que construí ao longo desse processo. Já não sinto vergonha de mim, nem desejo de me esconder. Chegar a um estabelecimento e ser olhada já não me incomoda como antes; pelo contrário, passei a compreender esse olhar de outra forma e, em certa medida, a gostar da presença que construí.

Recordo-me também de que, por meio dessa imagem construída, algumas amizades surgiram justamente a partir daquilo que eu transmitia. Uma amiga brasileira, que conheci posteriormente, contou-me que sempre me via no transporte coletivo, segundo ela, chamava-lhe atenção a maneira como eu cumprimentava os funcionários públicos com educação e como eu me vestia de forma elegante para ir à universidade. Ela relatou que, apenas ao me observar, perguntava-se quem eu era, até que um dia conseguiu saber mais sobre mim por meio da minha irmã.

Figura 11 – Mudança de visual consolidada



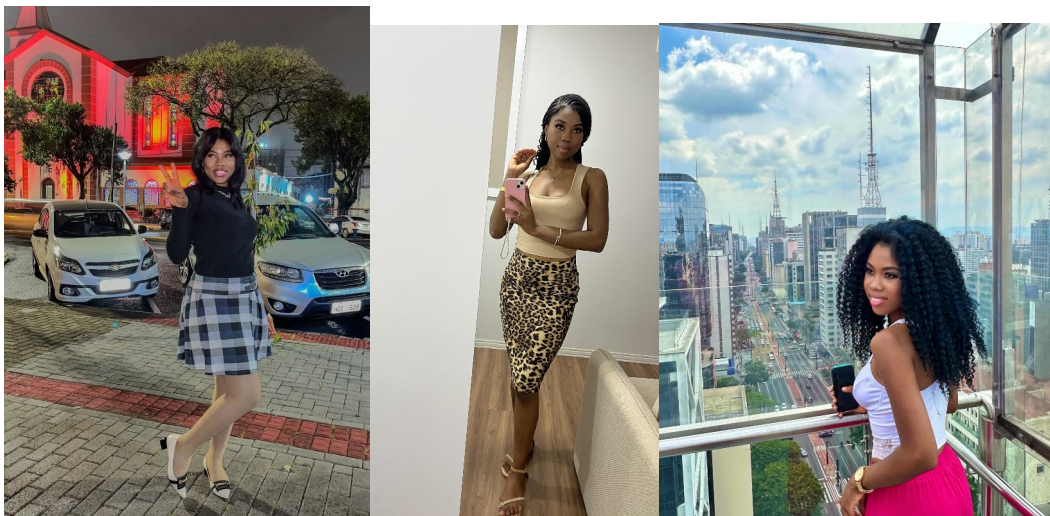
Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Nota: Rostos descaracterizados digitalmente pela autora para garantir o anonimato dos participantes, em conformidade com as diretrizes éticas da pesquisa.

A partir daí, iniciou-se uma amizade marcada por admiração e reconhecimento. Essa amiga, embora brasileira, também vinha de uma cidade com características culturais diferentes de Chapecó, mais tropical e pitoresca, e relatava vivenciar julgamentos relacionados à sua aparência e ao seu modo de se apresentar. Essa experiência me fez perceber que o julgamento visual ultrapassa a questão da nacionalidade. Ele também se relaciona ao território cultural, aos padrões locais e às formas como determinados corpos, estilos e presenças são interpretados em cada espaço social.

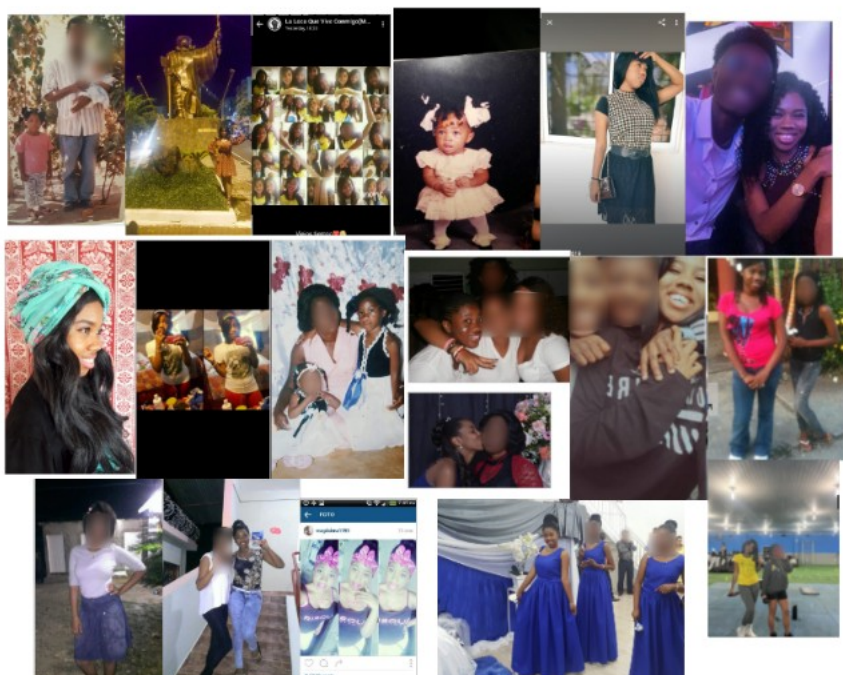
Dessa forma, passei a compreender que a beleza não estava somente na roupa, no cabelo ou na maquiagem, mas também na maneira como eu me olhava e me reconhecia. A beleza era também a construção de uma presença. Era a possibilidade de transformar aquilo que antes me causava insegurança em afirmação de identidade.

Figura 12 - Fotos de mim atualmente



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Figura 13 – Minha identidade



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Nota: Rostos descaracterizados digitalmente pela autora para garantir o anonimato dos participantes, em conformidade com as diretrizes éticas da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu compreender que a estética não se reduz à aparência física nem ao acompanhamento de tendências da moda. Ela constitui uma linguagem social por meio da qual as mulheres imigrantes assim como eu comunicamos pertencimentos, enfrentam julgamentos, negociamos diferenças culturais e constroem estratégias de inserção no novo território. Nesse sentido, as escolhas relacionadas ao cabelo, às roupas, aos acessórios e às formas de apresentação do corpo revelam processos complexos de adaptação que não significam, necessariamente, abandono da identidade de origem, mas formas de conciliar diferentes referências culturais presentes na experiência migratória.

Ao longo da construção deste trabalho e da revisão da literatura, foi possível perceber que as negociações identitárias vivenciadas por pessoas imigrantes não ocorrem de maneira homogênea. Embora a necessidade de adaptação seja um elemento comum, os fatores que impulsionam essas mudanças diferem de acordo com as experiências e as fragilidades percebidas por cada sujeito. Para alguns, a língua constitui o principal desafio, levando ao esforço por aperfeiçoar a pronúncia e reduzir marcas do idioma de origem em busca de maior reconhecimento social. Para outros, como evidenciado em minha própria trajetória, a dimensão estética ocupa um lugar central, uma vez que a aparência visual influencia diretamente a forma como me sinto percebida e acolhida no novo contexto social. Essas percepções também foram compartilhadas por outros imigrantes haitianos com quem convivi, indicando que, embora os elementos mobilizadores sejam distintos, todos fazem parte de processos individuais de negociação da identidade e de construção do sentimento de pertencimento.

Em outros casos, a literatura aponta que a intensa jornada de trabalho limita os espaços de convivência e lazer, fazendo com que instituições como a igreja se tornem importantes lugares de acolhimento, pertencimento e reconstrução dos vínculos sociais. Essas diferentes experiências indicam que não existe uma única maneira de enfrentar os desafios da imigração. Cada indivíduo mobiliza estratégias distintas a partir daquilo que mais atravessa sua trajetória e sua subjetividade. No meu caso, a dimensão estética mostrou-se central nesse processo, pois foi por meio do cabelo, da forma de vestir e da aparência que percebi, de maneira mais intensa, os impactos das relações sociais vividas no novo território.

As contribuições de Stuart Hall (2006) permitiram compreender a identidade como um processo dinâmico, continuamente reconstruído nas relações sociais. Michel de Certeau (1998) possibilitou reconhecer que, mesmo diante de normas e padrões estéticos socialmente estabelecidos, as mulheres imigrantes produzem pequenas táticas cotidianas capazes de ressignificar essas imposições, apropriando-se delas de acordo com suas próprias histórias e

referências culturais. Já Lipovetsky (2009) evidencia que a moda e a aparência ocupam um lugar cada vez mais central nas formas contemporâneas de reconhecimento social, enquanto Lefebvre (1991) demonstra que o cotidiano é um espaço onde se manifestam as tensões entre padronização e criação. Por sua vez, Levi (2000) contribui para compreender que, em contextos marcados pela incerteza, os sujeitos desenvolvem estratégias que lhes permitem construir segurança e dar sentido às experiências vividas.

Enquanto mulher haitiana imigrante, esta pesquisa também possibilitou ressignificar minha própria experiência. Ao transformar vivências pessoais em objeto de investigação, compreendi que muitos dos conflitos inicialmente percebidos como experiências individuais refletem processos sociais compartilhados por outras mulheres imigrantes. Assim, a pesquisa ultrapassa uma narrativa pessoal para contribuir com a produção de conhecimento sobre imigração, identidade e estética, dando visibilidade a experiências que ainda ocupam pouco espaço na produção acadêmica brasileira.

Por fim, conclui-se que a estética constitui um importante elemento de negociação da identidade imigrante, pois participa da construção do pertencimento sem eliminar as marcas da origem. Entre adaptações, permanências e recriações, as mulheres imigrantes demonstram que a identidade não é fixa, mas continuamente produzida nas relações estabelecidas com o outro e com o novo território. Desse modo, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o debate sobre imigração, diversidade cultural e reconhecimento das diferentes formas de existir, valorizando a pluralidade estética como parte legítima das experiências humanas e fortalecendo a construção de práticas sociais e educacionais mais sensíveis às diferenças culturais.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBINO, Káren Cristine Ferreira Guedes. **O lugar da mulher haitiana na imigração para a Região Metropolitana de Belo Horizonte**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/ffbf16e4-2d7e-4254-974f-30e0e5d210ec/content>. Acesso em: 02 fev. 2026.

BRASIL. *Constituição (1988)*. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei n.º 13.445, de 24 de maio de 2017. **Institui a Lei de Migração**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 maio 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm. Acesso em: 28 mai. 2026.

BRIZOLA, Natália Fioravanso Vieira. **A reconstrução identitária e de pertencimento nos processos migratórios: haitianos em escola pública do município de Marau/RS**. 2021. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DAMASIO, Marcia Jose. **A imigração haitiana em Santa Catarina e as novas demandas para as escolas de educação básica: perguntando pelas políticas públicas**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de História: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2021.

DAMASIO, Marcia Jose; RODRIGUES, Marilda Merência. Os imigrantes chegam às escolas... e as políticas públicas?. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 69, p. 147–163, abr./jun. 2022. DOI: 10.12957/teias.2022.66114. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/66114>. Acesso em: 15 jun. 2025.

FERREIRA, Liliane Edira Ferreira. **Parecer de avaliação de Exame de Qualificação de TCC de Magdalena Parisien**. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 07 jul. 2026. 4 p. Não publicado.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Nova edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 9-32.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

JORDÃO, Roziane da Silva. **A mulher haitiana em Porto Velho, Rondônia: imigração, gênero e memórias**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Ciências Humanas,

Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica: do projeto a implementação**. São Paulo: Artmed, 2008.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Tradução de Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEVEAU, Rémi; SCHNAPPER, Dominique. Ser imigrante na França. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (org.). **História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 5. p. 455-460.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Editora Companhia das Letras, 2009.

MARTINS, Everton Bandeira. **Parecer de avaliação de Exame de Qualificação de TCC de Magdalena Parisien**. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 07 jul. 2026. 6 p. Não publicado.

MIRANDA, Suélen Cristina de. **A imigração haitiana para o Brasil: um olhar a partir do sintagma identidade-metamorfose-emancipação**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20675>. Acesso em 21 out. 2025.

NASCIMENTO, Silmara Aparecida do. **Mulher, negra e imigrante: um estudo sobre relações raciais no Brasil e as experiências migratórias de mulheres haitianas em Maringá/PR**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/9fc626ef-6d8a-47b7-8c9b-105de30622db/content> . Acesso em: 10 jun. 2026.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. 1966.

OLIVEIRA, Micheline Ramos, et al. Ressignificação da identidade no processo de imigração haitiana: uma pesquisa numa cidade do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, 2015, vol. 2, no 2, p. 145-159. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rbts/article/view/9225> . Acesso em 20 out. 2025.

PRADO JUNIOR, Tarcis; CARDOSO, Moisés; IACOMINI JÚNIOR, Franco. Experiência estética no debate do filme Lakay numa universidade brasileira. **Galáxia**, São Paulo, n. 38, p. 140-153, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/D7vsGk4X7sQntYCnwnjmDgK/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 20 out. 2025.

PARISIEN, Magdalena. **Diários de memórias de uma imigrante**. Chapecó, 2019-2026. Diário pessoal. Manuscrito.

PAULA, Elisângela de Lima Eurico de. **Memória e identidades haitianas em discursos de mulheres reterritorializadas em Porto Velho/RO**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/3247> . Acesso em: 29 jun. 2026.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (org.). **História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias**. v. 5. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROCHA, Camila. **Identidades em trânsito: migrações de mulheres sob a perspectiva de gênero, raça e classe**. 2023. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-graduação em Direito, UNOCHAPECÓ. Chapecó, 2023.

ROMANO, Alice Queiroz Telmo; PIZZINATO, Adolfo. Trajetória de migração de mulheres haitianas em Porto Alegre: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 26, e47781, 2021. DOI: 10.4025/psicolestud.v26i0.47781. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/sjt36RqLMxLbHqg9tHn5bdn/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 10 mai. 2025.

SANTOS, Maressa de Sousa. **Nas trilhas da imigração: as mulheres haitianas em Contagem/MG**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/>. Acesso em: 29 jun. 2026.

SHELLEY, James. (II) O conceito de Estética. In: REIS, Maurício de Assis; NACHMANOWICZ, Ricardo M. (Orgs.). Textos selecionados de estética. Pelotas, NEPFIL Online, 2021. (Série Investigação Filosófica). Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/8143/Textos_selecionados_de_estetica.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 mar. De 2026.

SOLOUKI, Danielle Galdino. **Imigração feminina no Brasil: um estudo interseccional sobre as trajetórias, redes sociais e trabalho das haitianas residentes no Distrito Federal**. 2021. Tese (Doutorado em Política Social) – Departamento de Serviço Social, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: repositorio.unb.br/bitstream/10482/47971/1/2021_DanielleGaldinoSolouki.pdf . Acesso em: 29 jun. 2026.

WEBER, João Luis Almeida; BRUNET, Alice Einloft; LOBO, Nathália dos Santos; CARGNELUTTI, Ezequiel Simonetti; PIZZINATO, Adolfo. Imigração haitiana no Rio Grande do Sul: aspectos psicossociais, aculturação, preconceito e qualidade de vida. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 24, n. 1, p. 173-185, jan./mar. 2019. DOI: 10.1590/1413-82712019240114. Disponível em: scielo.br/j/psuf/a/kLKxCyZhY3vGKwT6tzhzwzj/?format=pdf&lang=pt . Acesso: 10 fev. 2026.